

Tarso Adoni\*

## O corpo que envelhece

Escrever a respeito do corpo, partindo da minha formação como neurologista e, acima de tudo, do meu particular interesse pela história da neurociência, torna obrigatória a revisão da evolução do conceito de sede da atividade mental através dos tempos e, não menos importante, o delineamento de duas visões antagônicas que então emergiram e que se confrontam nos mais diversos campos do conhecimento, particularmente na filosofia e na psicologia.

As duas visões a que me refiro são o dualismo, aqui entendido como a existência de uma clara separação “mente-corpo”, e o monismo, que por sua vez não concebe a possibilidade de divisão “mente-corpo” e enxerga tal binômio como uno e constituído de uma só e mesma substância. Antes que voltemos a esse ponto, conforme ressaltado, vamos à história.

Papiros egípcios datados do ano 3500 a.C. atestam que, para os membros daquela civilização, a nossa vida mental estava localizada no coração e no diafragma, sem nenhuma menção feita ao cérebro. Alcmeão de Crotona, médico e discípulo de Pitágoras que viveu no século V a.C., registrou as primeiras impressões de um esboço de teoria cerebrocêntrica, em que o te-

cido nervoso seria a sede de nossas sensações. Impossível não citar Hipócrates de Cós ((460-377 a.C.), que deixou clara a sua visão:

(...) E os homens devem saber que de nenhum lugar, a não ser do cérebro, provêm alegrias, prazeres, risos e zombarias; tristezas, amarguras, desprezo e lamentações. E por isso, de uma maneira especial, nós adquirimos sabedoria e conhecimentos, aprendemos a ver e a ouvir o que é certo e errado, doce e amargo. (Hipócrates, trad. em 2001).

Mas o assunto estava longe de um consenso. Um pouco mais adiante, Aristóteles (384-322 a.C.) sustentaria, ao contrário, que era o coração a morada e origem de todas as nossas sensações e de todos os nossos pensamentos. Mais ou menos à mesma época, os filósofos naturalistas gregos passaram a disseminar a “doutrina dos espíritos”, segundo a qual tudo se originaria no fígado (“espírito natural”), passando pelo coração e pelos pulmões, onde o espírito natural se converteria em “espírito vital”, atingindo, finalmente, o cérebro (aí chamado “espírito animal”). Seria, de acordo com tal teoria, o espírito animal a essência da alma e da mente.

---

\* Neurologista.

O maior refinamento da doutrina dos espíritos foi alcançado por Galeno de Pérgamo (129-217 d.C.) e reinou por quase um milênio. Para Galeno, o “espírito animal” habitaria as cavidades cerebrais (ventrículos), naturalmente preenchidas por um líquido claro e hialino conhecido como líquor, e, a partir daí, animaria o tecido cerebral para que este funcionasse. A visão do espírito animal como essência de nossa atividade mental só foi derrubada muitos séculos depois, com a introdução de dados trazidos à luz por médicos, cientistas e filósofos do mundo islâmico. No entanto, o ponto fundamental que surge com Galeno de Pérgamo, independentemente do equívoco dos ventrículos como origem do espírito animal, e não o tecido cerebral, é que o cérebro passou a ser visto como a sede de nossos processos mentais.

Resolvido e pacificado o problema da morada de nossa vida mental, passamos a priorizar a discussão filosófica entre a corrente dualista, preponderante em nossa sociedade ocidental e identificada com a visão metafísica e transcendental da vida, e a corrente monista, ainda minoritária e identificada com o materialismo científico. O conhecimento da existência do problema dialético que se coloca entre as duas correntes é importante para a discussão do corpo, do ponto de vista cultural, e das perspectivas tecnológicas de interferência nesse mesmo corpo.

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) dão conta de que a população mundial envelhece como nunca antes, invertendo a pirâmide etária já em muitos países. No Brasil, estima-se hoje a presença de mais de 14 milhões de pessoas com mais de 60 anos; projeta-se, para 2025, mais de 32 milhões. Se em 1960 ocupávamos a 16ª posição mundial em população acima de 60 anos, alcançaremos a 6ª posição em 2025. Além do evidente impacto financeiro e previdenciário, as políticas de saúde deverão alinhar as suas diretrizes de acordo com a nova demanda.

Do ponto de vista médico, passamos a presenciar a degradação do corpo, que antes não era nem mesmo imaginada, e com ela vimos surgir o fenômeno da tentação faustiana de imortalidade. As clínicas médicas especializadas em tratamentos estéticos nunca lucraram tanto. O mercado de material cosmético lan-

ça, ano após ano, uma infinidade de produtos e procedimentos que vendem a promessa de uma aparência sempre jovem. Por outro lado, a longevidade não deixa marcas indesejáveis – pelo menos para a maior parte da população – somente no aspecto imediatamente apreciável, o estético, mas também em nosso desempenho cognitivo.

O envelhecimento é sabidamente o principal e mais importante fator de risco para o desenvolvimento de doenças degenerativas cerebrais, notadamente a doença de Alzheimer. Estima-se, hoje, que a prevalência de pessoas com quadros demenciais na faixa etária entre 75 e 80 anos de idade é de 7,9%; quando olhamos a faixa etária acima dos 85 anos de idade, tal número sobe para quase 40%. A má notícia aqui é que a medicina ainda pouco faz para minimizar o impacto da idade em nossos cérebros. Embora haja perspectivas razoáveis de interferência em nossa senescência cerebral patológica, elas ainda se mostram distantes. Assim, vivemos o dilema mais que atual do corpo insatisfeito e ao mesmo tempo incapaz de resolver o problema da deterioração cognitiva inexorável.

A maneira de reduzir o impacto desse dilema em nosso psiquismo é uma pergunta sem resposta única e que deverá levar em conta as crenças e os valores de cada indivíduo. Durkheim (1968, p. 386) escreveu que “é necessário um fator de individuação para distinguir um sujeito do outro, e é o corpo que desempenha esse papel”. Arrisco-me aqui a sugerir que a cultura pode ser um fator atenuador do impacto negativo das nossas rugas e das falhas cognitivas que invariavelmente ocorrerão em todos aqueles que atingirem idades cada vez maiores. A cultura pode ser entendida de duas maneiras: o processo de acúmulo de conhecimento individual que se dá ao longo da vida e, por que não, como um projeto de vida; e os valores da sociedade na qual o indivíduo está inserido e, de modo mais importante, como essa sociedade enxerga e acolhe a velhice. Aqui, retomo o ponto de conflito entre as vertentes dualista e monista. Para os dualistas, a vida mental, muitas vezes entendida como “alma”, será restaurada em etapa ulterior à morte do corpo físico; para os monistas, aqui se encerra qualquer possibilidade reflexiva e de restauro do corpo junto com o último suspiro.



A discussão entre os dualistas e os monistas ainda esbarra na inexistência de plena definição do que vem a ser a consciência. Há embates acalorados entre as duas correntes e até mesmo muitas discordâncias dentro de grupos que defendem uma mesma visão geral. Caso deixemos de lado os vários matizes de monistas e dualistas, e atentemos apenas aos dois extremos de cada corrente, teríamos: dualistas convictos da imaterialidade da mente e das funções mentais como decorrência de um “cérebro animado”, ou seja, “cérebro com

alma”; e monistas que reduzem todos os nossos processos mentais a correlatos neurofisiológicos e, portanto, à própria matéria.

Uma vez que a discussão entre visões tão antagônicas entre si está longe de qualquer resolução – e os motivos aqui expostos para tamanho dissentimento estejam claros e intuídos como irreconciliáveis –, gostaria de abordar o tema daquilo que chamarei o corpo eternizado. A revolução tecnológica que estamos presenciando e os seus êxitos que parecem não ter fim trouxeram consigo o desejo de eternização

da vida. Avanços genéticos, nanotecnologia, inteligência artificial e biotecnologia –além de todos os outros campos ligados a cada uma dessas grandes áreas– prometem a denominada “singularidade tecnológica”. De acordo com essa teoria, em pouco tempo a inteligência humana será superada pela inteligência artificial, o que acarretará uma revolução absolutamente imprevisível, em suas consequências, na natureza e na civilização humana.

Do ponto de vista prático, a medicina já trabalha com a interface “cérebro-máquina” e está cada vez mais perto de, por exemplo, restaurar os movimentos em lesados medulares paraplégicos ou possibilitar a comunicação em indivíduos com doenças degenerativas que afetam todos os movimentos (inclusive a fala), mas que preservam as habilidades intelectuais (a doença mais famosa em que isso ocorre é a esclerose lateral amiotrófica, ou simplesmente ELA, cuja mais ilustre vítima é o físico inglês Stephen Hawking). Por outro lado, enfocando-se outro tipo de interface sem finalidade terapêutica, está clara a dependência que criamos dos chamados *smartphones*, que se tornaram prolongamentos quase naturais do nosso corpo. A mais famosa e utilizada página de busca na internet, o Google, hoje se converteu em verdadeira prótese de memória.

Ray Kurzweil é um entusiasta defensor da singularidade tecnológica e aponta 2029 como o ano em que atingiremos um grau nunca antes imaginado de interação entre homem e máquina. O cientista, hoje com 68 anos, já gravou um vídeo (disponível na internet) em que diz ingerir 250 pílulas ao dia com o objetivo de alcançar a maior longevidade possível a ponto de usufruir da prevista singularidade rumo à eternidade. Diante desse cenário, as implicações éticas e morais que se colocam ainda não são totalmente claras. Segundo o filósofo e professor norte-americano Michael J. Sandel (2013), “quando a ciência avança mais depressa do que a compreensão moral, como é o caso de hoje, homens e mulheres lutam para articular seu mal-estar”.

Deixemos de lado a futurista e assustadora previsão da singularidade tecnológica. A eternização do corpo, longe da simples mumificação disseminada pelos egípcios antigos da nobreza, hoje está intrinsecamente ligada à

tecnologia. Já é possível, a partir de dados registrados em SMS, WhatsApp, e-mails e redes sociais (Facebook, por exemplo), recriar diálogos e respostas que seriam esperadas para um determinado indivíduo, mesmo que ele já esteja morto. Assim, a partir de um avatar digital (ou talvez, em pouco tempo, um clone), seria possível telefonar ou se conectar e continuar conversando com um “morto” de maneira bastante “real”, tudo apenas com um algoritmo inteligente e os dados da vida digital daquela pessoa armazenados na nuvem.

O advento da tecnologia está a caminho de provocar uma profunda resignificação do corpo. Caso o desejo de extrema longevidade vingue, resta-nos a incógnita de saber com que esse corpo muito mais que centenário se parecerá: seremos todos ciborgues? O envelhecimento não cursará mais com todo o preço que o corpo usualmente paga? Dores musculares e articulares, deformidades da coluna vertebral, perda da altura prévia, diminuição da visão e da audição –além da já comentada perda cognitiva– não farão mais parte do nosso repertório corporal associado à passagem dos anos? Estarão com os dias contados as palavras ácidas do poeta Giacomo Leopardi?:

Deveríamos temer mais a velhice do que a morte, porque a morte suprime todos os males que nos afligem, assim como o desejo ou a consciência de bens e prazeres de que já não podemos gozar; a velhice, por sua vez, leva os prazeres, mas deixa intacto o apetite insatisfeito por eles, além de aportar dores e humilhações novas (Leopardi, como citado em Savater, 2007).

Estará pós-datado o personagem do romancista Philip Roth (2006) ao proferir a frase “a velhice não é uma batalha; a velhice é um massacre”?

Há, ainda, a questão de resignificação do próprio “sentido da vida”, pois é a certeza da morte, dentro de um prazo mais ou menos certo, o que nos move e orienta o nosso projeto de vida. Ora, uma vez que a expectativa de vida será dilatada, quais serão os estímulos para que o atual ritmo de vida seja mantido? Quem pagará o custo econômico e social dessa mudança?

Volto-me então para poetas e filósofos que, sem chegar a conclusões, nos ajudam a refletir.

Jorge Luis Borges, ao dizer que não somos eternos, mas infinitos, deixa claro que as múltiplas possibilidades hermenêuticas que nos são dadas pela assimilação da cultura podem ser o segredo de superação da nossa imortalidade frustrada. Essa ideia também está no pensamento de Albert Camus (1942/1981), que se inspira no poeta grego Píndaro citado no prefácio de seu livro *O mito de Sísifo*: “Oh, minh’alma, não aspira à vida imortal, mas esgota o campo do possível”.

Por outro lado, o conforto metafísico é dependente da crença de cada indivíduo. Para S. Tomás de Aquino (trad. em 2015), “para crer, basta ter fé”.

De minha parte, concluo com as palavras de Carlos Drummond de Andrade (1951/2006), que, mesmo admirado com a beleza da igreja barroca de São Francisco de Assis em Ouro Preto, escreveu como último verso: “Perdão, Senhor, por não amar-vos”.

## Referências

- Aquino, T. de. (2015). *Suma contra os gentios* (Vol. 1). São Paulo: Loyola.
- Camus, A. (1981). *El mito de Sísifo*. Madri: Alianza. (Trabalho original publicado em 1942)
- Drummond de Andrade, C. (2006). *Claro enigma*. Lisboa: Cotovia. (Trabalho original publicado em 1951)
- Durkheim, E. (1968). *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF.
- Hipócrates. (2001). Sobre la enfermedad sagrada. In Hipócrates, *Tratados hipocráticos* (Vol. 1). Madri: Gredos.
- Roth, P. (2006). *Elegía*. Barcelona: Mondadori.
- Sandel, M. (2013). *Contra a perfeição. Ética na era da engenharia genética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Savater, F. (2007). *La vida eterna*. Barcelona: Ariel.